

Sobrevivendo ao Capitaloceno: o caso da comunidade caiçara da Enseada da Baleia, Cananéia/SP



Juliana Greco
Yamaoka



Tatiana Mendonça
Cardoso



Giovanna Gini

Palavras-chave: Comunidades tradicionais; erosão costeira; mudanças climáticas; Capitaloceno.

A Ilha do Cardoso está no litoral sul de São Paulo, num importante remanescente florestal de Mata Atlântica, condição que favoreceu a implementação de Unidades de Conservação (UCs). Em 1962, foi transformada em Parque Estadual da Ilha do Cardoso (PEIC), desde 1998, tem conselho consultivo, plano de manejo (2002), laudo antropológico (2012) e um histórico de atuação contra ocupantes não tradicionais. A ilha perdeu parte das famílias caiçaras em função de legislações ambientais e da UC, atualmente lá vivem nove comunidades: oito caiçaras e uma indígena.

Este artigo propõe uma análise interdisciplinar sobre o reassentamento da comunidade caiçara Enseada da Baleia, na Ilha do Cardoso, forçada pela erosão costeira e intervenções hidráulicas, em um contexto de mudanças climáticas e políticas neoliberais. Com objetivo de refletir sobre pressões socioeconômicas e ambientais vividas à luz do conceito de Capitaloceno, usaram-se métodos de pesquisa participante e analisaram-se depoimentos de moradores da Enseada da Baleia, entre 2016 e 2019.

Capitaloceno é o termo que descreve a era contemporânea (Moore, 2017). O conceito centraliza o sistema capitalista como a causa do que hoje é considerado o Antropoceno. Em outras palavras, uma época em que o “humano” já se tornou uma força geológica e que o resultado são alterações climáticas e extinção em massa.

Erosão, realocação, rompimento e reconhecimento de direitos

Historicamente são percebidas alterações em toda a Ilha do Cardoso, mas a área foco é o Esporão Arenoso do Ararapira, por concentrar a maior parte das famílias da Ilha (no Marujá, Vila Rápida, Enseada da Baleia e Pontal de Leste). Trata-se de um prolongamento de planícies com restingas e manguezais, disposto em direção SW-NE (Figura 1). Em 28 de agosto de 2018, ventos fortes, lua cheia e grandes ondas provocaram o deslocamento das águas oceânicas para a face lagunar resultando no rompimento dos 18 km que formavam o Esporão, em duas ilhas distintas separadas por uma barra em transformação permanente (Figura 2). Em setembro, a “Nova Barra” chegou a quatro centenas de metros e o dobro, em outubro (CHELIZ et al., 2019) e em poucos meses tinha mais de um quilômetro.

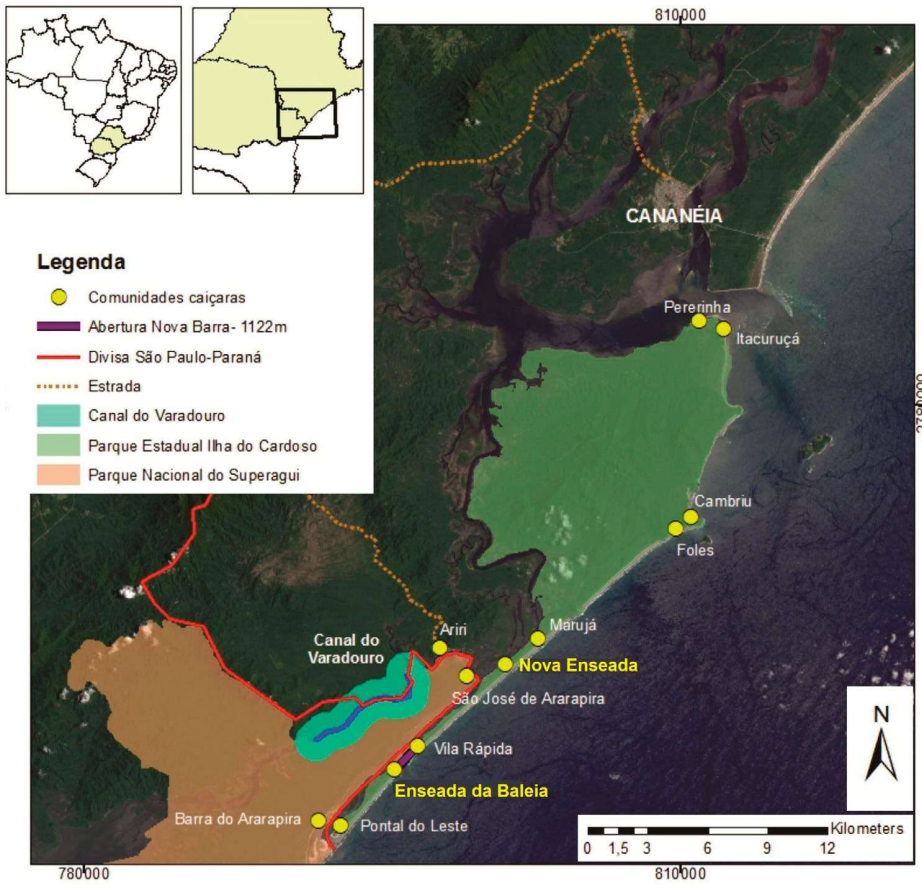


Figura 1 – Mapa da Ilha do Cardoso com as comunidades caiçaras
 Fonte: Adaptado de Yamaoka et al. (2019).

(1) O Canal artificial do Varadouro foi inaugurado em 1955 (depois de dois séculos de negociações), com objetivo de solucionar o problema econômico do Vale do Ribeira (RODRIGUES, 1959), ligava às Baías de Paranaguá/PR e de Trapané/SP, transformando o istmo do Superagui/PR, em ilha artificial. Essa obra aumenta a vazão de águas no Canal do Ararapira. Para o Entrevistado 01, segundo técnicos: “onde é só um canal, a linha é reta, quando desemboca dois, a desembocadura do mar e do canal, já entra em debate alguma coisa, que fez uma curva aqui. [...] o volume é mais forte, ela bate no Paraná e [...] na Enseada” que se assemelha perfeitamente às curvas presentes na extensão do Canal do Ararapira.

Em 2011, um parecer da Secretaria de Meio Ambiente/SP, negou-lhe a



Figura 2 – Abertura do Esporão Arenoso do Ararapira e a Nova Barra (set. a nov./2018)
 Fonte: Adaptado de Cheliz et al. (2019).

(1) O Canal artificial do Varadouro foi inaugurado em 1955 (depois de dois séculos de negociações), com objetivo de solucionar o problema econômico do Vale do Ribeira (RODRIGUES, 1959), ligava às Baías de Paranaguá/PR e de Trapandé/SP, transformando o istmo do Superagui/PR, em ilha artificial. Essa obra aumenta a vazão de águas no Canal do Ararapira. Para o Entrevistado 01, segundo técnicos: *“onde é só um canal, a linha é reta, quando desemboca dois, a desembocadura do mar e do canal, já entra em debate alguma coisa, que fez uma curva aqui. [...] o volume é mais forte, ela bate no Paraná e [...] na Enseada”* que se assemelha perfeitamente às curvas presentes na extensão do Canal do Ararapira.

Em 2011, um parecer da Secretaria de Meio Ambiente/SP, negou-lhe a possibilidade de outra área na Ilha por ser uma UC de proteção integral, onde o uso seria exclusivo para pesquisa e turismo. Em fevereiro/2015, um acidente com uma embarcação turística provocou o desmoronamento de cinco construções na face lagunar. Além do prejuízo, ficou evidente que não havia mais área para a reconstrução em função da diminuição da área disponível para as famílias.

(2) Em outubro/2016, uma ressaca no litoral paulista provocou a erosão de mais de 15 metros do Esporão, em conjunção de lua nova e fortes correntes (CHELIZ et al., 2019). Depois do evento, o argumento de “mudanças climáticas” ganhou força localmente, já que a erosão média era de 1 m ao ano. Para o Entrevistado 01, a quantidade de metros perdidos em um evento, mostram que algo está mudando, pois poderiam estar lá (antiga

Enseada) ainda caso seguissem com um metro ao ano. Outros relatos evidenciam ambas as influências, a praia mudando seu formato e as ressacas ocorrendo além do período de inverno (mudanças climáticas). O Canal do Varadouro erosiona a face lagunar e torna o Esporão frágil para ressacas mais fortes.

Sr. Malaquias faleceu em 2010 e como responsável pelas atividades produtivas, sua perda provocou a partida de vários jovens. Isso só não significou o final da Enseada pelo surgimento de um grupo de mulheres, que com suas habilidades e valores da economia solidária, ressignificam recursos territoriais e os transformam em corte e costura, receptivo para estudo do meio e beneficiamento de pescado. Além disso, lidam com a invisibilidade da mulher, fortalecem tradições e lutam pela dignidade das famílias, preservando a autonomia. O Grupo de Mulheres Artesãs da Enseada da Baleia (MAE) foi responsável pela fundação da Associação de Moradores (AMEB) em 2015.

A autorização do local para realocação saiu no final de 2016 e a licença para o desmatamento em 2017. Com a autorização e sem ajuda financeira de entidades públicas, pessoas e parceiros foram mobilizados para que a realocação fosse possível. Entre 2017 e 2019, foram feitos mutirões para a mobilização de recursos, para a negociação com parceiros/agentes contrários e para a reconstrução da infraestrutura existente na antiga vila. O maior desafio enfrentado neste processo foi o falecimento de Dona Erci (2017), que não chegou a ir morar na Nova Enseada. Sua casa abrigou as famílias

enquanto faltou teto, água potável e alimentos. A partir de 2018, a antiga vila foi desaparecendo nas águas (Figura 3).

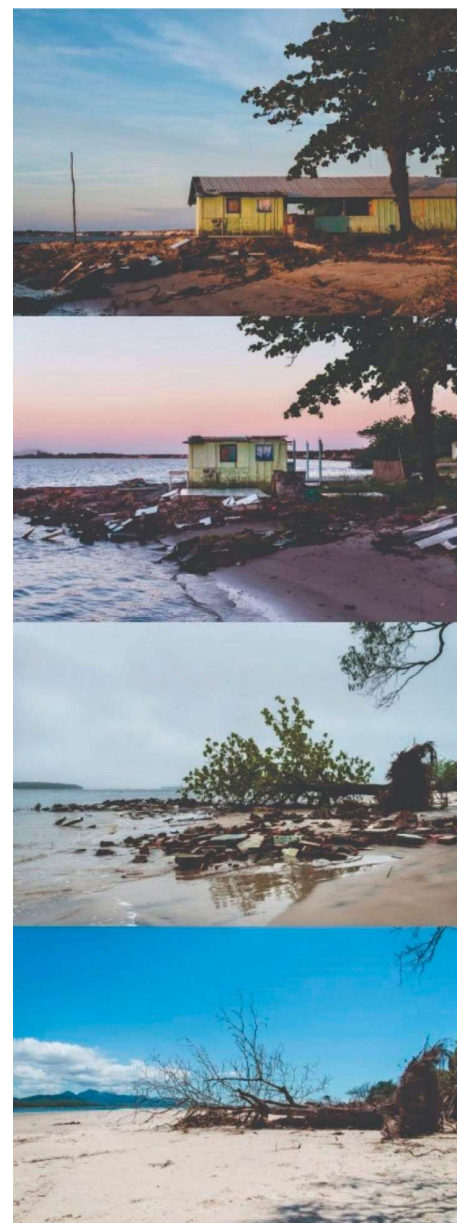


Figura 3 – Mercaria do Sr. Malaquias na antiga vila da Enseada (2016-2019)

Fonte: Kotchetkoff (2019).

A Figura 3 pode ser compreendida à luz das memórias da Dona Erci (2016), que contou o que representava cada árvore, “cada filho que nascia eu plantava um pé de planta para ele [...] vinha há mais tempo já, todo mundo fazia isso, quando eu tive meus filhos, fui pondo o nome deles em cada pé de árvore que eu plantava”. Com essa reflexão, vale desnaturalizar a visão ocidental e cartesiana de natureza, para ressignificar a experiência de perda do seu lugar para o caiçara da Enseada.

A esses desafios soma-se uma conjuntura socioeconômica e política que privilegia a reorganização de territórios para finalidades diversas de acumulação capitalista, como é o caso das concessões à iniciativa privada das UC (inclusive do PEIC), da cessão de águas públicas da União para piscicultura e aquicultura, do Programa Vale do Futuro ou dos investimentos para a promoção do ecoturismo. Ou seja, as ameaças às comunidades tradicionais que se multiplicam pelo território, em relação ao modo de vida e à autonomia.

Nesse sentido, o Capitaloceno se apresenta nesse caso: i) através dos interesses que mobilizaram a abertura do Canal do Varadouro que pode ter interferido na erosão e na abertura da nova barra; ii) no acidente causado pela embarcação turística, em 2015;

iii) na concessão para a iniciativa privada da visitação pública do PEIC; e iv) novos projetos de desenvolvimento que ameaçam os modos de vida das populações tradicionais, através da mercantilização e exploração sob uma visão capitalista.

Considerações finais

O que fica claro na experiência da comunidade da Enseada é que há mais do que “mudanças climáticas” que ameaçam seus territórios, tradição e identidade. A mercantilização da natureza e das pessoas, pode promover grandes genocídios – de pessoas e outros seres, tudo em nome do progresso e desenvolvimento baseado na acumulação de riquezas e lucro às custas do bem viver alheio.

A resposta da Comunidade para sobreviver ao que tem sido chamado de Capitaloceno é a de retornar às suas raízes, fortalecer sua identidade e tradições e assumir estruturas comunitárias, buscando preservar suas autonomias, com ações pautadas pela cooperação com a natureza e respeito à vida. Na disputa à noção de desenvolvimento, a Enseada reivindica caminhos voltados para a igualdade, solidariedade, redistribuição, respeito às pessoas e à natureza.

Referências

CHELIZ, P. M. et al. **Apontamentos sobre oscilações geomorfológicas e impactos ambientais na ruptura da Ilha do Cardoso, e formação de nova barra do Canal de Ararapira (Cananéia-SP).** Simpósio Brasileiro de Geografia Física e Aplicada, 18.

2019, Fortaleza. Anais... Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2019.

MOORE, JW. **The Capitalocene, Part I: on the nature and origins of our ecological crisis.** The Journal of Peasant Studies, 2017.

RODRIGUES, M. R. C. O canal do Varadouro. **Revista de História**, São Paulo, v. 19, n. 40, 1959. p. 473-508. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/re-vhistoria/article/view/119807/117097>>. Acesso em: 19 fev. 2019.

YAMAOKA, J. G. et al. A comunidade caiçara da Enseada da Baleia e a sua luta pelo território - Cananéia (SP). **Guaju, Curitiba**, v. 5, n. 4, 2019.